

figura 6 – Mérida – perímetro da muralha romana e, a sul – cinzento escuro – a zona onde será implantada a “alcáçova” (segundo Meguel Alba, 2004, p. 420).

figura 7 – planta da alcáçova de Mérida (L. Torres Balbás), onde é visível o “propugnaculum” em frente da entrada da ponte (a tracejado está a zona actualmente destruída mas que foi encontrada em escavações e está marcada no actual pavimento). As torres albarrãs – posteriores – não estão incluídas nesta planta. No interior está marcado o percurso da cisterna)

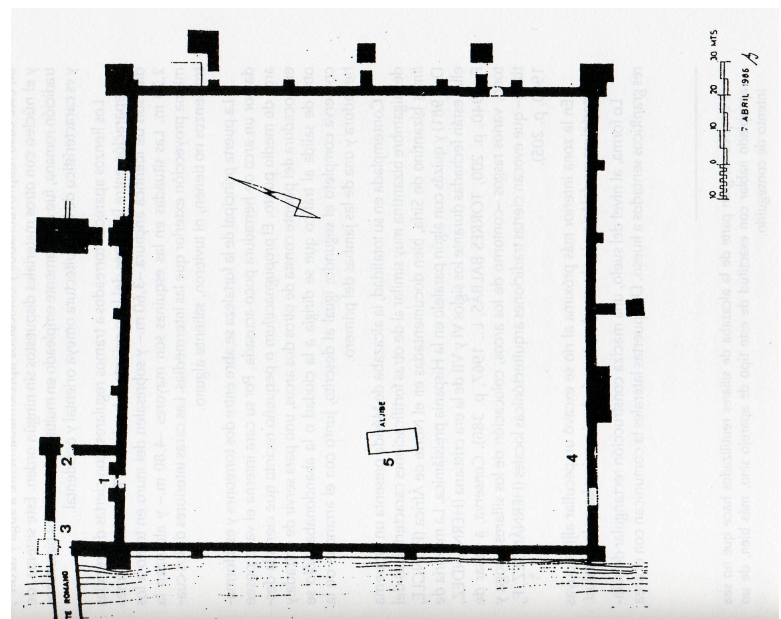
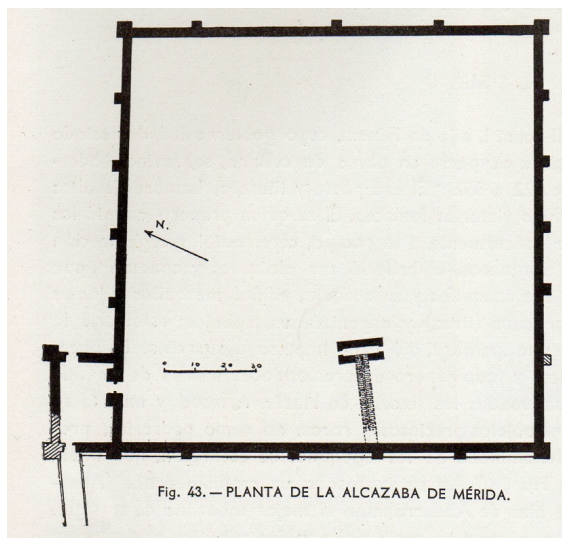


Figura 8 – Planta da alcáçova de Mérida (F. Valdés) – orientada com a anterioro com o rio Guadiana a sul) na qual já figuram as torres albarrãs ue não fazem parte do projecto original.



Figura 9 – *Propugnaculum* da alcáçova de Mérida



Fig. 10 – entrada da “cisterna” que dá acesso às águas do Guadiana, com aproveitamento de *spolia* de época tardorromana.



Fig. 11 – exterior da entrada da cisterna. (possível oratório islâmico, com *mihrāb* saliente – hipótese M. Alba, S. Feijoo)



Fig. 12 – Interior da alcáçova de Mérida vendo-se, à direita, em baixo, a muralha romana destruída no séc. IX e recentemente posta a descoberta.





Fig. 13 – torre albarrã, encostada a torre do projecto original



Fig 14 – orifício no passadiço de ligação entra a muralha e a tore albarrã, para ataque na vertical.



Fig. 15 – Alange – posição estratégica desta local, onde se mantêm vestígios da fortificação e de onde se contrala Mérida visualmente . (as águas que se vêem ao fundo são de um barragem recente)

Figura 16 – Proposta de F. Valdés sobre as fases de edificação da alcáçova de Badajoz, com as fases do século IX e X na zona inferior.

